

**eram brutos os barcos**

# eram brutos os barcos

ana maria vasconcelos

  
T R A J E S  
L N A R E S

COPYRIGHT © 2022 BY ANA MARIA VASCONCELOS

EDITORES RESPONSÁVEIS

Luiz Farias

Nando Magalhães

Nilton Resende

CAPA

Everton Correia e Nilton Resende

IMAGEM

Intervenção sobre obra “Sem título”, de Italo Almeida e Amanda Mafra de Escobar, 2020, fotografia analógica de médio formato

Arquivo dos artistas

DIAGRAMAÇÃO

Ulysses Ribas

REVISÃO E EDIÇÃO

Nilton Resende

**Catálogo na fonte**

**Departamento de Tratamento Técnico da Editora Trajes**

---

V331e

Vasconcelos, Ana Maria.

Eram brutos os barcos / Ana Maria Vasconcelos. – Maceió : Trajes Lunares, 2022.

92 p.

ISBN: 978-65-87894-05-8.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. 3. Literatura alagoana. I. Título.

---

CDU: 869.0(81)-1

Elaborada por Fernanda Lins de Lima – CRB – 4/1717

[2022]

1ª EDIÇÃO

TRAJES LUNARES

WWW.TRAJESEEDITORA.COM.BR

TRAJESEEDITORA@GMAIL.COM.BR

ALAGOAS/BRASIL

*Notícia*

*Não mais sabemos do barco  
mas há sempre um naufrago:  
um que sobrevive  
ao barco e a si mesmo  
para talhar na rocha  
a solidão.*

**Orides Fontela**

**Pequena morte**

crudelíssimos os dedos  
curvados, molhando  
(enredo, miragem)  
distantes, roçando  
com o hálito  
a imagem

**Ou um girassol que tem a cor do teu cabelo**

um oratório de tintas  
(teu braço)  
defuma a janela como modo  
de  
adiar a manhã.

o relógio não avisa,  
vermelho, como tudo o que circula,  
que ainda é sábado,  
(o sol do teu cigarro)  
a luz

rouba do escuro das cortinas  
e cola  
nas paredes uma ruga branca de tempo,  
a primeira.

oferendas; precipício; nevoeiro;  
um rasgo dourado brota  
abro a boca: (amanhece)  
teu cabelo.

**A soma dos nossos fôlegos**

desde que largamos o corrimão  
e nos apoiamos, pulso a pulso,  
um no outro, vendaval, a escada  
espiralada

(talvez

desde que  
a descemos abraçados  
lado a lado, como no filme, ainda não havíamos  
dado as mãos, entrelaçado os dedos, era março, nascíamos  
uma mesma sombra

~~não houvesse corrimão mesmo)~~

manchássemos a rua com este corpo

pudéssemos

furar a névoa  
espessa,      tateá-la  
em falso, alcançar-nos

## Salivas de carnaval

das salivas de carnaval  
ilícitas, ágrafas  
insistimos  
em localizar rotas, como se  
houvesse qualquer norte em decupar goles  
como se  
(agora chove, esse desastre)  
o estrago dos corpos já não profetizasse  
que toda contramão é também cortejo  
(cinzas)  
para o encontro



**Abacadabra**

quando as minhas unhas riscaram pela primeira vez  
em alto relevo  
o corpo sob os teus desenhos  
um deles me feriu de volta:  
aquele como um coração fora do peito  
um brasão, uma insígnia, um emblema  
pontagiado  
como o sexo revelado de uma vênus, ainda na inversão  
de que falávamos, aos borbotões  
*(que palavra engraçada, você disse, borbotão,*  
e eu expliquei, muito professoral, que significava  
*jorro)*,  
espedaçando, no ritmo de um abraço ao contrário, o signo  
fálico  
que carrego no meio das costas –  
os papéis trocados  
(é carnaval, destronados os reis)  
num palco brevíssimo em que duas tatuagens

## Véspera

da clausura, onde as horas roem  
as pegadas ainda nos sapatos  
limpíssimos,  
não estou, e abafó  
com as coxas teus ouvidos – a saber:  
desse ângulo  
(nunca te disse) teu rosto parece  
dois versos do Pasolini